

COLONIZAÇÃO PORTUGUESA SUPERIOR À INGLESA

Arthur Virmond de Lacerda Neto

Professor de História do Direito do Centro Universitário Internacional UNINTER.
arthurlacerda@onda.com.br

No Brasil é corrente a opinião de que a sua colonização foi inferior à dos ingleses, na América do Norte. Será esta opinião verdadeira?

Quem lê a *História do Brasil*, do inglês Roberto Southey; a *História dos Estados Unidos*, de André Maurois; a *História do Brasil*, de Rocha Pombo; *Fórmulas políticas do Brasil holandês*, de Mário Neme; *O mundo que o português criou*, *Novo mundo nos trópicos*, *Um brasileiro em terras portuguesas*, de Gilberto Freyre e, sobretudo e por todos, *500 anos do descobrimento - Uma nova dialética*, do brasileiro Carlos Raimundo Lisboa de Mendonça, descobre que a colonização portuguesa no Brasil foi superior à inglesa em todos os sentidos, nos atuais E.U.A. e inferior e menos do que medíocre.

Quem não leu *500 anos do descobrimento* (editora Destaque, São Paulo, 1999) e repete os lugares comuns em circulação no Brasil, depreciativos do nosso passado e que nos causam vergonha também das nossas origens, infundindo sentimento de inferioridade no brasileiro em face dos estrangeiros (notadamente dos E.U.A.), acha-se mal informado e carece, urgentemente, de lê-lo e de prosseguir estudos à mercê da leitura dos mais livros citados.

Há os mitos de que fomos colonizados pelo pior povo do planeta, de que a nossa desgraça foi não o havermos sido pelos ingleses e que teria sido muito melhor a permanência dos holandeses no nordeste, pois sua presença foi maravilhosa. Mito também é que os males do Brasil resultam da sua herança colonial. Em nada disso há realidade e sim distorções que a observação dos fatos desmente¹.

Eis a verdade ou as verdades: 1) a colonização portuguesa no Brasil foi previdente, competente e frutuosa; 2) a colonização inglesa na América do Norte foi negligente,

¹ Existe, aliás, texto interessante em que se apontam doze defeitos dos brasileiros, dos quais um consiste em culpar-se a outrem pelos males próprios, de que a acusação à “herança colonial” representa expressão relativa ao passado. Vide <http://ahduvido.com.br/os-11-defeitos-insuportaveis-dos-brasileiros>.

incompetente, não deixou obra duradoura e a não houve, pela Inglaterra, fomento para o desenvolvimento das antigas treze colônias; 3) a presença holandesa no nordeste foi violenta, espoliadora, odiosa e degradou, em todos os aspectos, o estado de civilização criado pelos portugueses; 4) o conde de Nassau representou, como pessoa e como métodos, exceção aos governantes holandeses e aos seus procedimentos, pelo que ele não serve, ao contrário, como símbolo do destino do nordeste, se holandês.

Fundado na averiguação da realidade, Carlos de Mendonça compara a atuação portuguesa no Brasil com a inglesa nas suas colônias americanas e conclui favoravelmente à primeira; aponta o malogro da presença britânica nos seus primórdios; afirma a superioridade do sistema econômico português colonial em relação ao homólogo britânico; examina o sentimento de inferioridade (indevido) dos brasileiros que lhes desperta o desdém (injusto) pelas suas origens e pelas suas qualidades, notadamente ao cotejarem-nas com as estrangeiras (particularmente as norte-americanas).

A ilusão do futuro promissor do nordeste, caso se mantivesse a sua sujeição aos batavos, decorre da existência da *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*, livro apologético cuja redação o conde de Nassau encomendou ao seu compatriota Gaspar Barléus que apresentou o governo daquele de forma tendenciosa e parcial. Livro de propaganda obteve, em longo prazo, o efeito a que se destinava.

Foi o paranaense Rocha Pombo quem desfez o mito e revelou a incapacidade do holandês de realizar obra de civilização no Brasil. Posteriormente, Mário Neme esquadrinhou os métodos batavos de governação no Brasil e apontou-lhes, com base em rigorosa documentação, os efeitos profundamente nefastos. Feliz o Brasil, felizes os brasileiros por haverem-se livrado dos holandeses.

A mitologia lusófoba apresenta por meio a distorção da história; por argumentos o da inferioridade dos portugueses, o do malogro da colonização do Brasil, o da excelência dos ingleses e dos holandeses como colonizadores; por resultados os de o brasileiro vexar-se com a sua própria origem e de sentir-se inferior a outros povos.

Das diferenças, para melhor em relação à colonização da América do Sul, o que inclui o Brasil, e para pior, no que se refere à da América do Norte, já se apercebera Augusto Comte, no seu *Sistema de Política Positiva*. (v. IV, p. 494-495).

Mais uma vez, o criador do Positivismo acertou:

O modo próprio de colonização introduziu, entre o norte e o sul da América, uma diferença contínua, quanto às relações respectivas com as populações principais. Sistematizada pelo catolicismo e pela realeza, a transplantação ibérica conservou o conjunto dos antecedentes e mesmo permitiu, como expliquei, melhor desenvolvimento dos caracteres essenciais. Mas a colonização britânica, resultado de impulso individual ao qual o protestantismo serviu de consagração, tanto mais alterou as tradições sociais quanto ela emanou, sobretudo, de perseguidos e de revoltados. Posto que os dois modos tenham sido gravemente maculados pela escravidão da raça afetiva, esta monstruosidade suscitou entre eles um contraste decisivo, em que se aprecia quanto a insuficiência de disciplina espiritual e temporal coloca os protestantes abaixo dos católicos. Reproduzida em outros aspectos, esta diversidade torna os americanos britânicos os mais anárquicos dos ocidentais, porque desenvolveram as imperfeições do tipo inglês e comprimiram-lhe as qualidades. (Tradução do autor, do francês).

Tais afirmações e conclusões, como as de Carlos de Mendonça, de Rocha Pombo, de Mário Neme, de Gilberto Freyre, de Roberto Southey, de André Maurois antagonizam o senso comum, a forma mental a que o brasileiro médio foi condicionado pelas escolas, por livros didáticos, pelo imaginário popular e em que encontram receptividade fácil e automática as acusações à “herança colonial”².

Repetidas insistentemente e acriticamente, as patranhas, as distorções, os exageros, os simplismos passam por consensos e transformam-se em verdades que, uma vez desmentidas, suscitam em quem se acha mal induzido por elas, os automatismos mentais do ceticismo em relação ao desmentido e da reiteração do senso comum, independentemente do seu exame à luz das respectivas impugnações: o que “todos” “sabem” é “óbvio”.

Assim, são “óbvias” as virtudes da colonização inglesa; “evidentemente” no Brasil há mazelas por culpa da herança colonial; é “lamentável” haverem os batavos deixado o nordeste brasileiro que, “é claro”, seria desenvolvido se eles nele houvessem persistido.

No entanto, o exame do passado revela aspectos altamente desfavoráveis à Holanda no Brasil e à Inglaterra nos atuais E.U.A., bem assim patenteia predicados da colonização brasileira.

² É o que explica, em parte, o êxito do livro profundamente pernicioso e tendencioso de Laurentino Gomes, “1808”, que, em parte, obteve largo público leitor graças à propaganda que dele se fez: Laurentino pertence (ou pertenceu) à diretoria da revista Veja, o que lhe facilitou a divulgação do livro, que se propagou à força da publicidade e por o seu conteúdo corresponder ao senso comum pejorativo do passado brasileiro. Escreveu o que o público acha-se acostumado a saber; escreveu para vender. Vide a minha crítica em <http://arthurlacerda.wordpress.com/category/1808/> (acede-se-lhe por Arthur Virmond de Lacerda Neto wordpress 1808).

Obras há, felizmente, que desmistificam certas “verdades” da história do Brasil, que as desmentem, que repõem o vero e corrigem distorções e injustiças, sentido no qual é indispensável o conhecimento do livro de Carlos de Mendonça, contribuição inestimável para o patrimônio cultural brasileiro³.

³ Para lá de 500 anos do descobrimento, de Carlos de Mendonça, recomendo *Fórmulas políticas do Brasil holandês*, de Mário Neme; *Os holandeses no Brasil: mitos e verdades*, de José Francisco da Rocha Pombo (com prefácio meu); *Novo mundo nos trópicos*, *Um brasileiro em terras portuguesas* e *O mundo que o português criou*, de Gilberto Freyre; *História dos Estados Unidos*, de André Maurois. Suplementarmente, *A colonização do Brasil*, de Jaime Cortesão, e *A construção do Brasil*, de Jorge Couto.